

LÍNGUA, DISCURSO E PODER: a construção da identidade em *Luuanda*, de José Luandino Vieira

Angela Patricia Felipe Gamaⁱ (PG-PUC/SP)
Fábio Marques de Souzaⁱⁱ (UEPB/PG-USP)
Lilian Barbosaⁱⁱⁱ (UEPB)

Resumo:

Neste texto, centraremos nossa atenção na relação entre língua e poder na construção da identidade no conto “Estória da galinha e do ovo”, publicado no livro Luuanda, obra escrita na prisão, datada de 1964, que retrata o bilinguismo da capital Luanda: o português, imposto como língua oficial, convive com o Kimbundu, a língua materna, usada no cotidiano. A atuação política do nosso autor, José Luandino Vieira, reflete uma literatura engajada na luta pela independência e pela construção de uma identidade nacional. No caso da galinha e do ovo, o conto é uma mostra da luta, pelo discurso, da mudança social. O autor ajuda a reconstruir a cultura de um povo que, por muito tempo, foi desenraizada e fragmentada. Nossa análise demonstra que essa busca se dá no e pelo discurso já que, ao construir o mundo, o discurso também projeta identidades sociais e estabelece relações que contribuem para a formação de representações sociais.

Palavras-chave: Língua e poder, Identidade, Estória da galinha e do ovo, José Luandino Vieira, Luuanda.

1 Língua e discurso na construção da identidade

O conto objeto de nossa análise encontra-se inserido no livro *Luuanda*, obra escrita na prisão, datada de 1964, que retrata o bilinguismo da capital Luanda, onde o português, imposto como língua oficial, convive com o quimbundo, a língua materna, do lar e, por consequência, usada no cotidiano. A obra de Luandino Vieira foi considerada hermética durante um tempo, isto porque seus textos possuíam uma linguagem inédita, gerada pela mistura da língua portuguesa com o quimbundo, num movimento simbiótico. Apenas na década de 1980, surgiram alguns glossários, o que veio a facilitar a leitura para o público não-angolano.

Não é possível considerar o discurso empregado em *Luuanda* como integrante do português padrão, o texto utiliza palavras da língua portuguesa, mas ora as encaixa em estruturas gramaticais do quimbundo, ora emprega palavras, frases inteiras e ditos populares na língua bantu. O texto está tão próximo do português quanto do quimbundo, está bastante próximo, também, do popular, e ainda, não está isolado na estrutura escrita, pois carrega forte carga oral, tanto na formalização da narrativa, quanto no conteúdo (BARBOSA, 2012, p.82).

Esta obra recebeu o prêmio literário angolano Mota Veiga, em 1964, e o Grande Prêmio de Novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores, em 1965. Nosso autor, José Luandino Vieira, tornou-se conhecido por meio da revista *Cultura*, de 1957 e, após muita opressão, teve seu talento reconhecido internacionalmente. Em 2006, recusou o Prêmio Camões.

Sua atuação política, sendo inclusive membro do MPLA (Movimento pela Libertação de Angola), reflete uma literatura engajada na luta pela independência. No conto objeto deste estudo podemos encontrar retratadas as convivências sociolinguísticas, expressas em conflitos de gerações, etnias, e ideologias.

No caso *da galinha e do ovo*, o espaço é o musseque Sambizanga, bairro pobre e, portanto, vítima da discriminação e opressão econômica. O conto é uma mostra da luta, no e pelo discurso, da mudança social. O autor ajuda a reconstruir a cultura de um povo que, por muito tempo, foi desenraizada e fragmentada.

2 A mudança social no e pelo discurso

A busca pela mudança social se dá *no e pelo* discurso. O termo ‘discurso’ refere-se à linguagem como prática social. Segundo Fairclough (2001), o discurso permite às pessoas agirem sobre o mundo e sobre os outros, de tal modo que a prática, tanto de representação quanto de significação do mundo, o molda e o restringe.

Ao construir o mundo, o discurso também constrói identidades sociais, estabelece relações que contribuem para a formação de representações sociais. A prática discursiva, então, além de reproduzir a sociedade, também a transforma. Para Foucault (1996), a verdade é o instrumento que possibilita controlar e dominar essas relações sociais. É no discurso que se constrói a verdade, portanto, possuir o discurso dominante é poder institucionalizar a verdade e favorecer-se dela. Nesse ponto, gera-se um embate político que tem como objetivo controlá-lo: “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10).

O escritor nega sua origem portuguesa e acrescenta “Luandino” ao nome como forma de afirmar sua identidade africana e promove, ainda, a identidade do povo angolano por meio da busca pela tomada do discurso e pela imposição da verdade desde o ponto de vista dos angolanos. Neste intuito, introduziu em seu texto o coloquialismo da língua falada nos musseques e o quimbundo, apresentando-o não de forma exótica, mas integrada ao contexto maior da história e buscando restaurar a identidade do povo.

Na obra que tentamos contemplar, a trama se desenvolve em torno da disputa por um ovo, que podemos entender como símbolo da identidade daquele grupo. A briga pelo dito ‘prêmio’ nos apresenta duas possibilidades de existência daquela comunidade linguística: i) o conflito interno, ou ii) a união para se defender da opressão econômica, racial, policial externa.

3 A institucionalização da verdade pelo discurso

O narrador nos apresenta duas personagens, vizinhas, pobres habitantes do musseque, que “*na hora das quatro horas*” disputam a propriedade de um ovo. *Nga Zefa* cria galinhas e, uma delas, passeia diariamente pelo quintal de *Nga Bina*, que tem o marido preso, está grávida e não tem criações.

Nga Bina alimenta a ave com milho até que, um dia, a galinha põe um ovo em seu quintal. As vizinhas brigam, uma reivindicando o direito à propriedade da galinha e do ovo, a outra, reivindicando o direito ao ovo já que a galinha comeu seu milho e botou em seu território. Outras mulheres vizinhas aparecem para escutar e opinar, com a mediação da mais velha do grupo, a *Vavó Bebeca*. Diz *Nga Bina*:

- Sukuama! O que é eu preciso dizer mais, vavó? Toda a gente já ouviu mesmo a verdade. Galinha é de Zefa, não lhe quero. Mas então a galinha dela vem no meu quintal, come meu milho, debica minhas mandioqueiras, dorme na minha sombra,

depois põe o ovo aí e o ovo é dela? Sukuá! O ovo foi o meu milho que lhe fez, pópilas! Se não era eu dar mesmo a comida, a pobre nem que tinha força de cantar... Agora o ovo é meu, ovo é meu! No olho! (VIEIRA, 1982, p. 79).

Uma roda de vizinhas, à moda de *O cortiço*, é formada para arbitrar o caso, e os que passam na rua são convidados a dar sua opinião. Dentre essas pessoas temos um aspirante a seminarista (poder clerical); um ex-notário e beberrão (a burocracia); os maridos que não ajudam as mulheres; um homem branco/português proprietário das cubatas (colonizador), o dono da venda representando a exploração econômica e os sargentos (a polícia).

Todos os que são convidados a opinar procuram tirar proveito da desunião do grupo, tentam tornar seu discurso como dominante, obtendo a propriedade do ovo em benefício próprio. Esta situação pode ser ilustrada com o caso do *sô Zé* pela fala da anciã:

Minhas amigas, a cobra enrolou no muringue! Se pego o muringue, cobra morde, se mato a cobra, o muringue parte!... Você, Zefa, tem razão: galinha é sua, ovo da barriga dela é seu! Mas Bina também tem razão dela: ovo foi posto no quintal dela, galinha comia milho dela... O melhor perguntamos ainda no *sô Zé*... Ele é branco!... (VIEIRA, 1982, p. 105- grifos nossos).

Temos, neste exemplo, a marca clara da desunião do grupo favorecendo a ideologia da inferioridade racial: *Ele é branco!* Esta ideia dá força ao discurso do outro para que, nos termos de Foucault (1996), *sô Zé* possua o discurso dominante e possa institucionalizar sua verdade, favorecendo-se dela e requerendo a propriedade do ovo para si:

Sô Zé concordou. Veio mais junto das reclamantes e com seu bonito olho azul bem na cara de Zefa perguntou:

- Então, como é que passou?

[Ele ouve atentamente e tenta tirar proveito]

- Dona Bebeca, o ovo é meu! Diga-lhes para me darem o ovo.

O milho ainda não foi pago!... (VIEIRA, 1982, p. 106).

Finalmente, aparece a instância de opressão maior na forma da polícia que discrimina os negros pobres do musseque. O sargento da tropa diz que não são permitidas reuniões, e tenta se apropriar, não do ovo, mas da galinha.

A chegada da polícia representa uma ameaça mais concreta vinda de fora que, de certa forma representa a opressão política sofrida antes da independência. Essa ameaça concreta e externa à dinâmica do grupo é suficiente para o grupo tomar novamente consciência de si, e recuperar a união perdida e tomar posse do discurso.

Considerações

Com a chegada da polícia o grupo toma consciência de si e uma artimanha de garotos salva a galinha das mãos aproveitadoras do sargento e a tensão interna do grupo se dissolve. O sargento vai embora, e as vizinhas que brigavam se reconciliam: A mulher mais velha do grupo, a *vavó Bebeca*, oferece o ovo a *Nga Bina*, e *Nga Zefa*, feliz por ter recuperado a galinha, depois de uma breve reticência constrangida, de bom grado concorda em dar o ovo à mulher grávida.

-Posso, Zefa?

Envergonhada ainda, a mãe de Beto não queria soltar o sorriso que rebentava na cara dela. Para disfarçar, começou dizer só:

- É, sim, vavó! É a gravidez. Essas fomes, eu sei... E depois o mona na barriga

reclama! (VIEIRA, 1982, p. 123).

A cena da narrativa termina com uma imagem que reitera a mensagem do conto:

De ovo na mão, Bina sorria. O vento devagar e, cheio de cuidados e amizade, soprou-lhe o vestido gasto contra o corpo novo. Mergulhando no mar, o sol punha pequenas escamas vermelhas lá embaixo nas ondas mansas da Baía. Diante de toda a gente e nos olhos admirados e monandengues de miúdo Xico, a barriga redonda e rija de nga Bina, debaixo do vestido, parecia era um ovo grande, grande... (VIEIRA, 1982, p. 123).

Esta oposição do *vestido gasto*, representando um povo cansado de dominação, contra o *corpo novo*, trazendo à luz a esperança de mudanças colabora com os demais elementos em uma combinação plástica que propicia ao leitor uma cena imagética com sentido de regozijo, como podemos perceber nas palavras de Bebiano (2004):

A imagem da galinha voando em liberdade em direção ao sol, à presença da Nga Bina com sua imensa barriga segurando o ovo, e a própria barriga parecendo um imenso ovo, são símbolos ligados ao princípio da vida, que está direcionado para o futuro com promessas da nova sociedade que irá surgir. E a nova sociedade, para Luandino Vieira, tem potencial para nascer a partir da união do povo simples e pobre dos musseques, das mulheres negras, e da língua misturada falada verdadeiramente pelo povo.

O excerto acima evidencia a grande metáfora que o conto constrói, ou seja, o ovo como signo do *n(ovo)*. A barriga “parecendo um imenso ovo” representa a esperança no futuro e nas próximas gerações. Em suma “o projeto literário do escritor identifica-se com os ideais da geração de *Mensagem*, cujas propostas político-culturais visavam uma Angola independente e igualitária, assim, o texto luandino ataca as desigualdades causadas pelo regime colonial, então em voga.” (BARBOSA, 2012, p. 78).

Na busca pela construção da identidade nacional angolana, o trabalho realizado com a linguagem e com a cultura foi um dos aspectos mais importantes. Visto que a escrita angolana fora por muito tempo influenciada por Portugal, assim, devia seguir padrões gramaticais demarcados que primavam pelo preciosismo linguístico. Com isto, o texto de muitos escritores angolanos foi, por algum tempo, um tanto quanto artificial, já que deixava de lado as outras línguas faladas em Angola, como o quimbundo e o umbundo. Luandino Vieira não foi o primeiro a produzir textos possuidores de caracteres angolanos, mas foi o pioneiro na realização de um trabalho que mesclava tão fortemente o português e as línguas angolanas, dando “voz” a fala marginalizada da população.

Tanto o conto específico aqui analisado quanto a totalidade de *Luuanda* podem ser considerados possuidores da hibridação angolana, pois conseguem conciliar forma e conteúdo, atualidade e tradição, escrita e voz. A trama é a urdidura, o entrelaçamento de elementos variados, que não se excluem, ao contrário, se dispõe mediante relações híbridas, de maneira a valorizar a diferença como elemento constituinte da identidade cultural e literária de Angola.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Lilian. *Turbilhão silencioso: oralidade e literatura em Luandino Vieira e Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Oficina da Leitura, 2012.

BEBIANO, Deize Pereira. “Língua portuguesa e identidade nacional em José Luandino Vieira” In:

Revista Tesseract, Edição especial 2004. ISSN 1519-2415 Disponível em:
<http://tesseract.sites.uol.com.br/> [acesso: 11/10/2012].

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB, 2001.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

MACEDO, Tânia. *Angola e Brasil. Estudos comparados*. São Paulo: Via Atlântica, nº 3, 2002.

MACEDO, Tânia. *Luanda, cidade e literatura*. São Paulo: Ed UNESP, 2008.

MARGARIDO, Alfredo. *Estudos Sobre Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.

SANTILLI, Maria Aparecida. *Africanidade*. São Paulo: Ática, 1985.

VIEIRA, José Luandino. *Luuanda*. São Paulo: Ática, 1982, p. 99-123.

TRIGO, Salvato. *Ensaio de Literatura Comparada Afro-Luso-Brasileira*. Lisboa: Vega Universidade, 1985.

ⁱ **Angela Patricia Felipe GAMA, Profa. Me.**
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica
angela_f_gama@hotmail.com

ⁱⁱ **Fábio Marques de SOUZA, Doutorando**
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP)
fabiohispanista@gmail.com

ⁱⁱⁱ **Lilian Barbosa, Profa. Me.**
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
lilianvotu@yahoo.com.br